

Maria Luiza Iennaco de Vasconcelos

A Perception-Action Perspective on Tool Use Development de Jeffrey J. Lockman

O objetivo do texto é desenvolver o entendimento do comportamento motor e a ligação entre ação e percepção para uma nova perspectiva sobre o uso de ferramentas no desenvolvimento infantil. Isso é proposto de modo a confrontar a ideia que o uso de ferramentas necessita de pensamento representacional ou com alto nível de abstração nas crianças. Especificamente, os modelos que defendem isso são informativos, mas passam a ideia de o uso de ferramentas ser um fenômeno engessado em circunstâncias específicas. O autor critica isso, dizendo que há diferentes formas de aproximação do infante com as ferramentas e que não há uma fórmula mágica para isso.

O autor comenta acerca de algumas implicações importantes sobre diferentes abordagens de desenvolvimento para o uso de ferramentas: tal processo talvez não seja abrupto como é comumente colocado, mas requer um período gradual e contínuo de descobrimento e exploração, sem depender de nenhum cenário ou situação específica. Além disso, o uso de ferramentas de infantes pode indicar tentativas de relacionar objetos com outros objetos e superfícies do mundo, detectando e relacionando as *affordances* que possam existir entre eles.

Uma perspectiva compatível com essas ideias é a da percepção-ação no desenvolvimento de uso de ferramentas, pois indica que os infantes percebem e interagem com as combinações entre ferramenta-superfície e objeto-superfície ao longo de atividades de tentativas e erros. Tal interação requer o uso do ambiente como referência. Filosoficamente, a detecção e relação entre *affordances*, segundo o autor, exclui as representações do uso de ferramentas, transformando-o em uma conquista de desenvolvimento contínuo, que emerge das tentativas dos infantes de detectar e agir nas *affordances* de seus ambientes.

A fim de embasar sua ideia, o autor apresenta um experimento que ele realizou com crianças para observar seu comportamento acerca do uso de ferramentas. Sua conclusão foi a de que a evolução da capacidade do uso de ferramentas poderia ser determinada pela forma das primeiras ferramentas. Isso aponta para as atividades de tentativa e erro como oportunidades autogeradas de aprendizado perceptual, corroborando com a hipótese do uso de ferramentas como uma questão de detectar e refletir *affordances* entre objetos ou superfície de objetos.

Action, the foundation for cognitive development de Claes von Hofsten

Infelizmente ou felizmente eu não tenho crítica nenhuma a fazer dos dois textos porque, especialmente esse do Hofsten me deixou com vontade de destacar quase todas as linhas de tão empolgada que fiquei ao lê-lo. Pensei sobre o motivo pelo qual eu tive essa reação e notei que minha formação foi altamente cognitivista e eu pensava que perspectivas que falavam de ação eram poucas e/ou obsoletas e cientificamente intratáveis. Mesmo lendo os textos do Vygotsky e do Piaget nas aulas de psicologia do desenvolvimento, eu não conseguia vislumbrar a importância da ação e do movimento, pois o foco era tentar desvendar o que ocorria no cérebro. Na pós-graduação eu “descobri” a psicologia ecológica e o enativismo que ainda estariam longe da ciência ao meu ver, mas ao mesmo tempo muito perto da inferência ativa. Recentemente tenho revisto minha relação com essa ciência, porque acho que ela tem sido idealizada demais. Na verdade, a própria inferência ativa/ processamento preditivo são pouquíssimos explorados em laboratório e muito modelados, então se eu tenho esse desejo realista de ciência, estou estudando o framework errado. Minhas reflexões têm me levado a um “relaxamento” do conceito. Acho que temos mais a ganhar se houver pessoas trabalhando de formas diferentes um problema específico, em vez de tentar colocar todo mundo em uma caixinha da ciência tradicional.

Outra questão que me surgiu ao ler esse texto foi que ainda não sei diferenciar muito bem a psicologia ecológica do enativismo e da fenomenologia e eu tenho usado muitos conceitos desses três sem delimitar bem de onde eu estou referenciando. Pensei nisso ao ler o autor citando Gibson.

Se você tiver mais literatura sobre esse tema, me manda um e-mail por favor, porque eu quero muito estudar o papel da ação na cognição/consciência, mas esses autores que você coloca na disciplina não fazem parte do meu nicho de referências, então não sei identificar um bom texto de um texto não tão bom assim. Obrigada!